

## LEMBRANÇAS ENCOBRIDAS

No curso de meu tratamento psicanalítico de casos de histeria, neurose obsessiva, etc., tenho freqüentemente lidado com recordações fragmentárias dos primeiros anos da infância que permaneceram na memória dos pacientes. Como mostrei em outra parte,<sup>1</sup> deve-se atribuir grande importância patogênica às impressões dessa época da vida. Mas o assunto das lembranças da infância está, de qualquer modo, destinado a ser de interesse psicológico, pois elas põem em notável relevo uma diferença fundamental entre o funcionamento psíquico das crianças e dos adultos. Ninguém discute o fato de que as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixam traços não erradicáveis nas profundidades de nossas mentes. Se, entretanto, procuramos averiguar em nossas lembranças quais as impressões que foram destinadas a influenciar-nos até o fim da vida, o resultado é: ou absolutamente nada ou um número relativamente pequeno de recordações isoladas que são freqüentemente de importância duvidosa ou enigmática. É apenas do sexto ou sétimo ano em diante — em muitos casos somente depois dos dez anos — que nossas vidas podem ser reproduzidas na memória como uma cadeia concatenada de eventos. Dessa época em diante, entretanto, estabelece-se uma relação direta entre a importância psíquica da experiência e sua retenção na memória. O que quer que pareça importante devido a seus efeitos imediatos, ou diretamente subseqüentes, é recordado, o que quer que seja julgado não essencial é esquecido. Se posso lembrar alguma coisa longo tempo após sua ocorrência, considero o fato de tê-la retido em minha mente como evidência de que ela tenha produzido sobre mim uma profunda impressão no momento. Surpreendo-me ao esquecer alguma coisa importante, e fico mesmo mais surpreso talvez ao lembrar alguma coisa aparentemente indiferente.

---

<sup>1</sup> [Cf., por exemplo, 'A Etiologia da Histeria' (1896), pág. 229 e seg. acima.]

É apenas em certos estados mentais patológicos que deixa de aplicar-se a relação mantida, nos adultos normais, entre a importância psíquica de um evento e sua retenção na memória. Por exemplo, um histérico habitualmente apresenta amnésia em relação a algumas ou a todas as experiências que levaram ao desencadeamento de sua doença, as quais por isso mesmo se tornaram importantes para ele e as quais, independentemente disso, podem ter sido importantes por si mesmas. A analogia entre a amnésia patológica desse tipo e a amnésia normal que afeta nossos primeiros anos parece-me fornecer uma valiosa sugestão da íntima conexão que existe entre o conteúdo psíquico das neuroses e nossa vida infantil.

Estamos tão acostumados a essa falta de lembrança das impressões infantis, que nos prontificamos a desconsiderar o problema subjacente a ela e nos inclinamos a explicá-lo como uma consequência auto-evidente do caráter rudimentar das atividades mentais das crianças. Na verdade, entretanto, uma criança normalmente desenvolvida de três ou quatro anos já apresenta uma enorme quantidade de funcionamento mental altamente organizado, tanto em suas comparações e inferências quanto na expressão de seus sentimentos; e não há nenhuma razão óbvia pela qual a amnésia deva acometer esses atos psíquicos, que não importam menos que os posteriores.

Antes de tratar dos problemas psicológicos ligados às mais antigas lembranças da infância, seria essencial, naturalmente, fazer uma coleta de material, incluindo um número bastante grande de adultos e descobrindo que espécie de recordações eles são capazes de produzir em relação a seus primeiros anos. Um primeiro passo nessa direção foi dado em 1895 por V. e C. Henri, que distribuíram um questionário por eles preparado. Os resultados altamente sugestivos desse questionário, que trazia respostas de cento e vinte e três pessoas, foram publicados por seus autores em 1897. Não tenho a intenção de discutir no momento todo o assunto; contento-me, portanto, em enfatizar os poucos pontos que me capacitam a apresentar a conceituação do que denominei 'lembranças encobridoras'.

A idade a que o conteúdo dessas primeiras lembranças da infância se refere é o período entre dois e quatro anos. (Esse é o caso de oitenta e oito pessoas na série observada pelos

Henris.) Há alguns indivíduos, entretanto, cujas lembranças recuam mais — antes mesmo de completarem seu primeiro aniversário; por outro lado, há aqueles cujas recordações mais antigas retrocedem apenas aos seis, sete ou mesmo oito anos. Não há nada no momento que mostre a que mais se relacionam essas diferenças individuais; mas, deve-se notar, dizem os Henris, que uma pessoa cuja primeira recordação retrocede a uma idade muito tenra — ao primeiro ano de sua vida, talvez — terá também a seu dispor outras lembranças destacadas dos anos seguintes, e poderá reproduzir suas experiências como uma cadeia contínua a partir de um ponto mais recuado no tempo — por exemplo, a partir dos cinco anos — do que é possível para outras pessoas, cuja primeira lembrança data de época posterior. Assim, em casos particulares, não apenas a data do aparecimento da primeira recordação, mas toda a função da memória pode ser avançada ou retardada.

Um interesse muito especial prende-se à questão da determinação do conteúdo usual dessas primeiras lembranças da infância. A psicologia dos adultos nos levaria a esperar que fossem selecionadas como dignas de recordação as experiências que despertassem alguma emoção poderosa ou que, devido a suas conseqüências, fossem reconhecidas como importantes logo após sua ocorrência. E, de fato, algumas das observações coligidas pelos Henris parecem satisfazer essa expectativa. Eles relatam que o conteúdo mais freqüente das primeiras lembranças da infância eram, de um lado, situações de medo, vergonha, dor física, etc. e, de outro, eventos como doenças, mortes, incêndios, nascimentos de irmãos e irmãs, etc. Poderíamos, portanto, inclinar-nos a admitir que o princípio diretor da escolha de lembranças é o mesmo, tanto para crianças como para adultos. É compreensível — embora o fato mereça ser mencionado explicitamente — que as lembranças retidas da infância devam necessariamente evidenciar a diferença entre o que atrai o interesse da criança e do adulto. Isso facilmente explica por que, por exemplo, uma mulher relata que se lembra de inúmeros acidentes que ocorreram a suas bonecas quando ela tinha dois anos, mas não tem nenhuma lembrança dos eventos sérios e trágicos que pode ter observado na mesma época.

Agora, entretanto, estamos em face de um fato diametralmente oposto a nossas expectativas e que, fatalmente, nos assombra. Já ouvimos dizer que há algumas pessoas cujas primeiras recordações da infância relacionam-se a eventos cotidianos e indiferentes que não podem produzir qualquer efeito emocional mesmo em crianças, mas que são recordados (claramente *demais*, é-se inclinado a dizer)<sup>1</sup> detalhadamente enquanto eventos aproximadamente contemporâneos não foram retidos na memória, mesmo se, segundo testemunho dos pais, tais eventos comoveram-nos intensamente àquele tempo. Assim os Henris mencionam um professor de filologia, cuja lembrança mais antiga, situada entre os três e quatro anos, mostrava-lhe uma mesa posta para refeição e, sobre ela, uma bacia com gelo. Na mesma época ocorreu a morte de sua avó, o que, de acordo com seus pais, foi um rude golpe para o garoto. Mas o atualmente professor de filologia não tem nenhuma recordação dessa perda; tudo de que ele se lembra naqueles dias é a bacia de gelo. Um outro homem narra que sua lembrança mais antiga é um episódio durante um passeio a pé em que ele quebra o galho de uma árvore. Acha que ainda pode identificar o local onde isso ocorreu. Havia várias outras pessoas presentes, e uma delas o ajudou.

Os Henris descrevem tais casos como sendo raros. Segundo minha experiência, em sua maior parte, é verdade, baseada em neuróticos, eles são bastante freqüentes. Um dos sujeitos da investigação dos Henris fez uma tentativa de explicar a ocorrência dessas imagens mnêmicas, cuja inocência as faz tão misteriosas, e sua explicação parece-me muitíssimo adequada. Ele acha que em tais casos as cenas relevantes podem ter sido retidas na memória apenas *incompletamente*, e por isso talvez elas pareçam tão obscurecidas: as partes esquecidas continham provavelmente tudo o que era digno de nota na experiência. Posso confirmar a verdade dessa concepção, embora prefira dizer sobre esses elementos da experiência que eles foram *omitidos* antes que *esquecidos*. Tenho conseguido com freqüência, através do tratamento psicanalítico, descobrir frag-

---

<sup>1</sup> [Cf. nota de rodapé 1, pág. 319 acima. Esse ponto ocorre novamente adiante, às págs. 343 e 344.]

mentos ausentes de uma experiência infantil, provando assim que a impressão, da qual se reteve na memória uma parcela, uma vez restaurada completamente, confirma a suspeita de que são as coisas mais importantes as que são recordadas. Isso, entretanto, não fornece nenhuma explicação para a impressionante escolha executada pela memória entre os elementos da experiência. Devemos primeiro indagar por que se suprime precisamente o que é importante e se retém o indiferente; não encontraremos uma explicação até que tenhamos investigado mais profundamente o mecanismo desses processos. Impõe-se nos então a idéia de que duas forças psíquicas estão envolvidas no processamento de lembranças desse tipo. Uma dessas forças baseia-se na importância da experiência como motivo para procurar lembrá-la, enquanto a outra força — a resistência — tenta impedir que tal preferência seja mostrada. Essas duas forças oponentes não se cancelam uma à outra, e nenhuma delas predomina (com perda ou sem perda para si própria). Na verdade, efetua-se uma conciliação, semelhante de algum modo à produção da resultante em um paralelogramo de forças. A conciliação é a seguinte: o que é registrado como imagem mnêmica não é a própria experiência relevante — nesse aspecto, prevalece a resistência; o que é registrado é um outro elemento psíquico intimamente associado ao elemento desagradável — e, a esse respeito, o primeiro princípio mostra sua força, o princípio que se esforça por fixar impressões importantes, estabelecendo imagens mnêmicas reprodutíveis. O resultado do conflito, portanto, é que, em vez da imagem mnêmica que deveria ser justificada pelo evento original, produz-se uma outra que foi em algum grau deslocada associativamente da primeira. E já que os elementos da experiência que suscitam a objeção são precisamente os elementos importantes, a lembrança substituída perderá aqueles elementos importantes e, em consequência, muito provavelmente nos surpreenderá como trivial. Isso nos parecerá incompreensível, porque nos inclinamos a procurar a razão de sua retenção em seu próprio conteúdo, ao passo que essa retenção é de fato devida à relação mantida entre seu conteúdo e um conteúdo diferente, que foi suprimido. Há entre nós um dito corrente sobre imitações que não são feitas de ouro, mas que se apresentam ao lado de alguma coisa que é

feita de ouro.<sup>1</sup> A mesma comparação bem pode ser aplicada a algumas das experiências infantis que foram retidas na memória.

Há inúmeros tipos possíveis de casos nos quais um conteúdo psíquico é substituído por outro, manifestando-se em uma variedade de constelações psicológicas. Um dos casos mais simples é obviamente aquele que ocorre nas lembranças infantis pelas quais estamos aqui interessados — isto é, o caso onde os elementos essenciais de uma experiência são representados na memória pelos elementos não essenciais da mesma experiência. Trata-se do caso de deslocamento para alguma coisa associada por continuidade; ou, considerando o processo como um todo, um caso de repressão acompanhado pela substituição de alguma coisa na proximidade (temporal ou espacial). Tive em outra parte<sup>2</sup> ocasião de descrever um exemplo muito semelhante de substituição ocorrida na análise de uma paciente que sofria de paranóia. A mulher em questão tinha alucinações em que ouvia vozes que lhe repetiam longas passagens do romance de Otto Ludwig *Die Heiterethei*. Mas as passagens repetidas eram as mais insignificantes e irrelevantes do livro. A análise mostrou, contudo, que havia outras passagens no mesmo trabalho que suscitavam na paciente pensamentos aflitivos. O afeto aflitivo motivava uma defesa contra tais passagens, mas não vieram a ser suprimidos os motivos favoráveis a continuá-las. O resultado foi uma conciliação pela qual as passagens inocentes emergiram na memória da paciente com força e nitidez patológicas. O processo que aqui vemos operar — conflito, repressão e substituição envolvendo uma conciliação — retorna em todos os sintomas psiconeuróticos e dá-nos uma chave para compreender sua formação. Portanto, não deixam de ter importância nossas possibilidades de mostrar o mesmo processo operando na vida mental de indivíduos normais. O fato de esse processo influenciar as pessoas normais precisamente quanto à escolha de suas lembranças infantis parece apoiar mais uma indicação das in-

<sup>1</sup> [A comparação reaparece no Capítulo VII do livro de Freud sobre os chistes (1905c), *Standard Ed.*, 8, 184.]

<sup>2</sup> ['Novos Comentários sobre as Neuropsicoses de Defesa' (1896b). Ver acima pág. 207.]

timas relações entre a vida mental das crianças e o material psíquico das neuroses, relações sobre as quais se tem insistido.

Os processos de defesa normal e patológica e os deslocamentos em que eles resultam são claramente de grande importância. Mas, pelo que eu saiba, até agora nenhum estudo, qualquer que seja, foi devotado a eles pelos psicólogos; e resta ainda definir em que camadas da atividade psíquica e sob que condições eles passam a operar. A razão dessa negligência bem pode ser o fato de que nossa vida mental, na medida em que é objeto de nossa percepção interna *consciente*, nada mostra desses processos, a não ser os casos que classificamos como 'raciocínio falho' e algumas operações mentais que visam produzir um efeito cômico. A asserção de que uma intensidade psíquica<sup>1</sup> pode ser deslocada de uma representação (que é então abandonada) para outra (que daí por diante desempenha o papel psicológico da primeira) é tão desnorteante para nós como certas características da mitologia grega — por exemplo, diz-se que os deuses vestem alguém com beleza como se esta fosse um véu, enquanto nós pensamos somente em uma face transfigurada por uma mudança de expressão.

Ulteriores investigações dessas indiferentes lembranças infantis ensinaram-me que elas podem também originar-se de vários modos e que uma insuspeitada riqueza de significado jaz por detrás de sua aparente inocência. Sobre esse ponto, não me contentarei com uma simples asserção, mas farei detalhado relato de um caso particular que me parece o mais instrutivo entre inúmeros outros similares. Seu valor é seguramente aumentado pelo fato de relacionar-se a alguém que não é absolutamente neurótico ou que só o é muito levemente.

O sujeito dessa observação é um homem de educação universitária, com trinta e oito anos de idade.<sup>2</sup> Embora sua própria profissão se situe em campo muito diferente, ele se interessa por questões psicológicas, desde que pude livrá-lo de uma

<sup>1</sup> [Cf. pág. 80 acima.]

<sup>2</sup> [Não pode haver dúvida de que o que se segue é material autobiográfico disfarçado apenas superficialmente. Ver Nota do Editor Inglês, pág. 330 acima. Na data em que esse artigo foi enviado para publicação, em maio de 1899, Freud tinha de fato quarenta e três anos.]

leve fobia através da psicanálise. No ano passado, ele despertou meu interesse por suas lembranças infantis, que já tinham desempenhado certo papel em sua análise. Após estudar a investigação feita por V. e C. Henri, ele me apresentou o seguinte relato resumido de sua própria experiência.

‘Tenho à minha disposição um bom número de antigas lembranças que posso datar com grande certeza. Por volta da idade de três anos, deixei a pequena localidade onde nasci e mudei-me para uma grande cidade; e todas essas minhas lembranças relacionam-se com meu lugar de nascimento e correspondem, portanto, ao segundo e terceiro ano de minha vida. São principalmente cenas curtas, mas muito bem conservadas e providas com todos os detalhes da percepção, em completo contraste com minhas lembranças dos anos adultos, nas quais falta inteiramente o elemento visual. De meu terceiro ano em diante, minhas recordações tornam-se mais restritas e menos claras; há lacunas nelas que devem cobrir mais de um ano; e não é, creio eu, antes de meus seis ou sete anos que o fluxo de minhas lembranças torna-se contínuo. As lembranças anteriores ao momento de minha mudança de residência dividem-se em três grupos. O primeiro grupo consiste em cenas que meus pais descreveram repetidamente a mim. Quanto a estas, sinto-me inseguro se tenho sua imagem mnêmica desde o início ou se só a reconstruí depois de ouvir uma dessas descrições. Posso notar, entretanto, que há também eventos dos quais não tenho nenhuma imagem mnêmica, apesar de seu minucioso relato por meus pais. Atribuo mais importância ao segundo grupo. Compreende cenas que não me foram descritas (pelo menos na medida em que posso sabê-lo), algumas das quais na verdade *não podiam* ser descritas a mim, já que não encontrei mais os outros participantes (minha mãe e companheiros de brincadeiras) desde sua ocorrência. No que se refere ao conteúdo dessas cenas e ao conseqüente motivo de sua conservação na memória, gostaria de dizer que não estou inteiramente sem orientação. Não posso, na verdade, sustentar que as lembranças que retive são lembranças dos eventos mais importantes do período ou aqueles que eu devesse, hoje, julgar os mais importantes. Não faço a menor idéia do nascimento de uma irmã, dois anos e meio mais nova que eu; minha partida, minha pri-



meira visão da estrada de ferro e a longa viagem de carro até ela — nada disso deixou traço em minha memória. Por outro lado, posso relembrar duas pequenas ocorrências durante a viagem de trem; estas, como o senhor se lembrará, emergiram na análise de minha fobia. Mas o que mais devia ter-me impressionado foi um ferimento em meu rosto que causou considerável perda de sangue e devido ao qual um cirurgião teve que dar-me alguns pontos. Ainda posso sentir a cicatriz resultante do acidente, mas não sei de nenhuma lembrança que o aponte, tanto direta quanto indiretamente.<sup>1</sup> É verdade que eu devia ter menos de dois anos naquela época.

‘Segue daí que não sinto nenhuma surpresa quanto aos quadros e cenas desses dois primeiros grupos. Sem dúvida, eles são lembranças deslocadas das quais os elementos essenciais foram em sua maior parte omitidos. Mas em alguns isso é ao menos sugerido e em outros é fácil para mim completá-los seguindo certos indícios. Fazendo isso, posso estabelecer uma sólida conexão entre os fragmentos separados das lembranças e chegar a uma clara compressão de qual era o interesse infantil que recomendava particularmente essas ocorrências à minha memória. Isso não se aplica, entretanto, ao conteúdo do terceiro grupo, que não discuti até aqui. Aí sou defrontado por um material — uma cena bastante longa e vários quadros menores — com o qual não posso fazer nenhum progresso. A cena parece-me altamente indiferente e não posso compreender por que deva ter-se fixado em minha memória. Deixe-me descrevê-la para o senhor. Vejo uma pradaria retangular, algo inclinada, verde e espessamente plantada; no verde há um grande número de flores amarelas — evidentemente, dentes-de-leão comuns. No topo da campina há uma casa de campo e, à frente de sua porta, duas mulheres de pé, conversando; uma camponesa com um lenço e uma ama de crianças. Três crianças brincam na grama. Uma delas sou eu próprio (na idade de dois ou

---

<sup>1</sup> [Esse acidente é referido duas vezes em *A Interpretação de Sonhos* (1900a), Edição *Standard* Brasileira, Vol. IV, pág. 17 e nota de rodapé, e Vol. V, pág. 596, IMAGO Editora, 1972; também, indiretamente, em uma carta a Fliess de 15 de outubro de 1897 (Freud 1950a, Carta 71) e perto do início da Conferência XIII das *Conferências Introdutórias* (1916-17).]

três anos); as duas outras são meu primo, um ano mais velho que eu, e sua irmã, que tem quase exatamente a minha idade. Estamos colhendo as flores amarelas e cada um de nós segura um ramo de flores já colhidas. A garotinha tem o ramo mais bonito; como que por mútua combinação, nós — os dois meninos — caímos sobre ela e arrebatamos suas flores. Ela sobe a colina, correndo em lágrimas, e como consolação a camponesa lhe dá um grande pedaço de pão preto. Tão logo vemos isso, atiramos fora as flores, corremos à casa e pedimos pão também. E de fato recebemos algum; a camponesa corta as fatias com uma longa faca. Em minha lembrança o pão tem um sabor delicioso — e nesse ponto a cena se interrompe.

‘Ora, o que há nessa ocorrência que justifique o dispêndio de memória que ela me acarreta? Torturei meu cérebro em vão sobre isso. A ênfase reside em nosso desagradável comportamento com relação à garotinha? A cor amarela dos dentes-de-leão — uma flor que hoje estou naturalmente longe de admirar — agrada-me tanto? Ou, em consequência de minha corrida pela grama, o pão me pareceu tão mais saboroso do que sempre, marcando-me com uma impressão inesquecível? Nem posso encontrar qualquer conexão entre essa cena e o interesse que (como eu pude descobrir sem qualquer dificuldade) a religava às outras cenas de minha infância. Em conjunto, parece-me haver alguma coisa não inteiramente correta quanto a essa cena. O amarelo das flores é um elemento desproporcionadamente proeminente na situação como um todo, e o ótimo sabor do pão parece-me exagerado de uma maneira quase alucinatória. Não posso evitar de recordar alguns quadros que vi uma vez em uma exposição humorística. Certas porções desses quadros, e naturalmente as menos apropriadas, ao invés de serem pintadas, destacavam-se em três dimensões — por exemplo, as anquinhas das damas. Bem, o senhor pode indicar algum modo de descobrir uma explicação ou interpretação dessa redundante lembrança de minha infância?’

Achei recomendável perguntar-lhe desde quando essa recordação o ocupava: se ele achava que ela tinha recorrido à sua lembrança regularmente desde a infância, ou se emergira talvez em alguma ocasião posterior que pudesse ser recordada. Essa pergunta era tudo o que eu precisava para contribuir para a so-

lução do problema; o resto foi descoberto pelo meu próprio colaborador, que não era neófito em tarefas desse tipo.

‘Não havia ainda pensado nisso’, respondeu ele. ‘Agora que o senhor levantou a questão, parece-me quase com certeza que essa lembrança infantil nunca me ocorreu em meus primeiros anos. Mas posso também recordar a ocasião que levou à minha recuperação dessa lembrança de minha terra infância. Quando eu tinha dezessete anos, durante as férias da escola secundária, retornei pela primeira vez à minha localidade natal para ficar com uma família que fora nossa amiga desde época remota. Sei muito bem que uma riqueza de impressões esmagou-me àquele tempo. Mas vejo agora que devo contar-lhe um outro grande pedaço de minha história: ele se enquadra aqui e o senhor mesmo a suscitou através de sua pergunta. Escute, então. Meus pais eram pessoas originalmente abastadas e que, imagino, viviam bastante confortavelmente naquele pequeno canto da província. Quando eu tinha cerca de três anos, o ramo de indústria em que meu pai trabalhava sofreu uma catástrofe. Ele perdeu todos os seus meios e fomos forçados a deixar a localidade, mudando para uma cidade grande. Longos e difíceis anos se seguiram, dos quais, parece-me, nada é digno de ser lembrado. Nunca me senti realmente à vontade na cidade. Acredito agora que jamais me livreii da saudade dos belos bosques próximos de nossa casa, nos quais (como me conta uma de minhas recordações daqueles dias) eu costumava fugir de meu pai, quase antes de eu aprender a andar. Aquelas férias, na idade de dezessete anos, foram minhas primeiras férias no campo e, como já disse, hospedei-me com uma família da qual éramos amigos e que tinha obtido considerável ascensão social desde nossa mudança. Eu podia comparar o conforto reinante lá com nosso próprio estilo de vida em casa na cidade. Mas é inútil divagar por mais tempo: devo admitir que havia alguma coisa mais que me excitava poderosamente. Eu estava com dezessete anos e meus hospedeiros tinham uma filha de quinze anos, por quem me apaixonei imediatamente. Foi este meu primeiro amor, bastante intenso, mas o mantive em completo segredo. Poucos dias depois a menina voltou à sua escola (de que ela também se afastara para passar em casa as férias) e essa separação, depois de tão breve conhecimento, aumentou

notavelmente minha saudade. Passei muitas horas em caminhadas solitárias pelos bosques encantadores, que eu encontrara uma vez mais, e passei meu tempo construindo castelos no ar. Estes, muito estranhamente, não se relacionavam ao futuro, mas procuravam melhorar o passado. Se pelo menos a bancarrota não tivesse ocorrido! Se eu tivesse ficado em casa e crescido no campo, forte como os jovens da casa, os irmãos do meu amor! E se eu tivesse seguido a profissão de meu pai e finalmente a desposasse — pois deveria tê-la conhecido intimamente por todos aqueles anos! Não tinha a menor dúvida, naturalmente, de que nas circunstâncias criadas por minha imaginação eu devia tê-la amado tão apaixonadamente como realmente me parecia então. Uma coisa estranha. Pois quando a vejo agora, de tempos em tempos — aconteceu à jovem ter desposado alguém aqui — ela me é extraordinariamente ~~indiferente~~. Mas posso lembrar bastante bem que, por longo tempo depois, eu era afetado pela cor amarela do vestido que ela estava usando quando nos encontramos pela primeira vez, em toda parte onde eu visse a mesma cor.'

Isso soa muito parecido a seu comentário parentético de que o senhor não é mais um apreciador do dente-de-leão comum. Não suspeita que possa haver uma conexão entre o amarelo do vestido da menina e o amarelo ultraclaro das flores em sua cena infantil?<sup>1</sup> [Cf. nota de rodapé 1, pág. 319.]

'Possivelmente, mas não se tratava do mesmo amarelo. O vestido era mais de um marrom amarelado, mais próximo à cor do goivo. Contudo, posso pelo menos apresentar-lhe uma idéia intermediária que pode servir a seus propósitos. Em data posterior, quando estava nos Alpes, vi como certas flores que têm coloração clara nas terras baixas tomam tons mais sombrios em grandes altitudes. Se não estou muito equivocado, encontra-se frequentemente nas regiões montanhosas uma flor muito semelhante ao dente-de-leão, mas que é amarelo-escuro e que concordaria exatamente com a cor do vestido da jovem de quem eu gostava. Mas não terminei ainda. Chego

---

<sup>1</sup> [Era esse o método regular de Freud relatar conversações — os comentários de seu interlocutor entre aspas e os seus próprios sem aspas. Cf., por exemplo, o diálogo em *A Questão da Análise Leiga* (1926e).]

agora a uma segunda ocasião que suscitou em mim lembranças de minha infância e que data de época não distante da primeira. Eu tinha dezessete anos quando visitei minha localidade natal. Três anos depois, durante as férias, visitei meu tio e encontrei seus filhos que tinham sido meus primeiros companheiros de brincadeiras, os mesmos dois primos, o menino um ano mais velho que eu e a menina de minha idade, os quais aparecem na cena infantil com os dentes-de-leão. A família deixara nossa localidade natal à mesma época que nós e prosperara em cidade bem distante.'

E o senhor uma vez mais apaixonou-se — por sua prima, dessa vez — e abandonou-se a um novo conjunto de fantasias?

'Não, dessa vez as coisas foram diferentes. Por essa época eu estava na universidade e era um escravo de meus livros. Não sobrava nada para minha prima. Na medida em que posso sabê-lo, não tive nenhuma fantasia semelhante na ocasião. Mas acredito que meu pai e meu tio tivessem combinado um plano pelo qual eu devia trocar o abstrato assunto de meus estudos por alguma coisa de maior valor prático: estabelecer-me, depois que meus estudos fossem completados, no lugar onde meu tio morava e desposar minha prima. Sem dúvida, quando perceberam o quanto eu estava absorvido por minhas próprias intenções, o plano foi abandonado; mas imagino que certamente eu me dera conta de sua existência. Não foi senão mais tarde, quando eu era um cientista recém-emplumado e duramente pressionado pelas exigências da vida, quando tive que aguardar tanto tempo antes de achar um posto aqui, que vim a refletir algumas vezes na boa intenção que meu pai tivera, ao planejar esse casamento, tentando compensar a perda em que a catástrofe inicial envolvera toda a minha existência.'

Inclino-me então a acreditar que a cena infantil que estamos considerando emergira nessa época, quando o senhor estava lutando por seu pão de cada dia — desde, naturalmente, que o senhor possa confirmar minha idéia de que foi durante esse mesmo período que o senhor teve seu primeiro contato com os Alpes.

'Sim, isso mesmo: o montanhismo era o único divertimento que eu me concedia na época. Mas não pude ainda captar sua intenção.'

Já chego lá. O elemento que o senhor mais enfatizou em sua cena infantil foi o fato de que o sabor do pão feito no campo era tão delicioso. Parece claro que essa idéia, que equivalia quase a uma alucinação, correspondia à sua fantasia da vida confortável que o senhor teria levado se tivesse ficado em casa e desposado essa garota [de vestido amarelo] — ou, em linguagem simbólica, quão doce seria o sabor do pão pelo qual o senhor teve que lutar tão duramente nos últimos anos. O amarelo das flores indica também a mesma menina. Mas há igualmente elementos na cena infantil que só podiam ser relacionados à segunda fantasia — a de desposar sua prima. Atirar fora as flores em troca do pão surpreende-me como um mau disfarce para o esquema que seu pai lhe tinha preparado: o senhor ia desistir de suas idéias não práticas e assumir uma ocupação ‘pão com manteiga’\*, não ia?

‘Parece-me que o senhor amalgamou os dois conjuntos de fantasias: como minha vida poderia ter sido mais confortável — de um lado, o “amarelo” e o “pão feito no campo” e, de outro, o atirar fora as flores e as pessoas reais referidas.’

Sim. O senhor projetou as duas fantasias uma na outra e fez delas uma lembrança infantil. As flores alpinas constituem um indício, marcando a data da elaboração. Posso assegurar-lhe que as pessoas, com freqüência, constroem tais coisas inconscientemente — quase como trabalhos de ficção.

‘Se é assim, não houve *nenhuma* lembrança infantil, mas apenas uma fantasia remetida à infância. Sinto, no entanto, que a cena é autêntica. Como isso se adequa?’

Em geral não há nenhuma garantia quanto aos dados produzidos por nossa memória. Mas estou pronto a concordar com o senhor que a cena é autêntica. Se o é, o senhor a selecionou das inumeráveis outras da mesma espécie ou não, devido a seu conteúdo (em si mesmo indiferente) que se adaptava bem para representar as duas fantasias, tão importantes para o senhor. Uma recordação como essa, cujo valor consiste no fato de que representa na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo é ligado a ela por elos simbólicos ou

---

\* Em inglês: ‘*bread-and-butter*’, isto é, para o sustento. (N. do T. bras.)

semelhantes, pode apropriadamente denominar-se '*lembrança encobridora*'. Em todo caso o senhor deixará de se sentir surpreso pela recorrência dessa cena à sua mente. Ela não pode mais ser considerada inocente, já que, como descobrimos, está destinada a ilustrar os mais importantes pontos críticos de sua vida, a influência das duas mais poderosas forças motrizes — a fome e o amor.<sup>1</sup>

'Sim, a fome está bastante bem representada. Mas e o amor?'

No amarelo das flores, a meu ver. Mas não posso negar que nessa sua cena infantil o amor é representado muito menos prominentemente do que deveria esperar a partir de minha experiência anterior.

'Não, o senhor está enganado. A essência dela é sua representação do amor. Entendo agora pela primeira vez. Pense um instante! Tomar as flores da menina significa deflorá-la. Que contraste entre o arrojo dessa fantasia e minha timidez na primeira ocasião e minha indiferença na segunda.'

Posso assegurar-lhe que a timidez juvenil tem como seu complemento fantasias arrojadas desse gênero.

'Nesse caso a fantasia que se transformou nessas lembranças infantis não seria fantasia consciente de que posso lembrar-me, mas antes uma fantasia inconsciente?'

Pensamentos inconscientes que são um prolongamento dos conscientes. O senhor pensa consigo mesmo 'se eu me tivesse casado com fulana', e por trás desse pensamento há um impulso de formar um quadro ao qual realmente pertence o 'estar casado'.

'Eu próprio posso continuar agora. A parte mais sedutora de todo o assunto para um jovem patife é o quadro da noite de núpcias. (Que importa a ele o que vem depois?) Mas esse quadro não pode aventurar-se à luz do dia: a atitude de dominação da timidez e o respeito para com a garota são suprimidos. Assim permanece inconsciente...'

E desliza para uma lembrança infantil. O senhor está completamente certo. É precisamente o elemento grosseiramente

---

<sup>1</sup> [Alusão a um verso de Schiller em '*Die Weltweisen*' que era favorito de Freud.]

sensual na fantasia que explica por que ela não se desenvolve em uma fantasia *consciente*, mas deve contentar-se em achar seu caminho alusivamente e sob um disfarce florido em uma cena infantil.

‘Mas eu gostaria de saber por que, precisamente, em uma cena *infantil*?’

Devido à sua incência, talvez. O senhor pode imaginar um maior contraste com esses propósitos de agressão sexual grosseira que uma brincadeira infantil? Entretanto, há fundamentos mais gerais que têm uma influência decisiva no processo de deslizamento de pensamento e desejos reprimidos em lembranças infantis: pois o senhor encontrará a mesma coisa acontecendo invariavelmente em pacientes histéricos. Parece, além do mais, que a recordação do passado remoto é, em si mesma, facilitada por algum motivo prazeroso: *forsan et haec olim meminisse juvabit*.<sup>1</sup>

‘Se é assim, perdi toda fé na autenticidade da cena dos dentes-de-leão. Eis como a considero: nas duas ocasiões em questão, e com o apoio de motivos muito compreensíveis, ocorreu-me o pensamento: “se eu tivesse desposado uma ou outra menina, minha vida se teria tornado mais agradável.” A corrente sensual em minha mente se apossou do pensamento contido na prótase<sup>2</sup> e o repetiu em imagens de uma espécie capaz de proporcionar a mesma satisfação sensual. Essa segunda versão do pensamento permaneceu inconsciente devido à sua incompatibilidade com a disposição sexual dominante; mas o próprio tato de permanecer inconsciente capacitou-o a persistir em minha mente muito depois que mudanças na situação real já tinham desfeito a versão consciente. De acordo, como o senhor diz, com uma lei geral, a oração que permanecera inconsciente procurou transformar-se em uma cena infantil que, devido à sua incência, poderia tornar-se consciente. Com esse fim em vista, esta deveria sofrer uma nova transformação, ou antes, duas novas transformações. Uma destas removia o elemento

---

<sup>1</sup> [‘Algum dia, talvez, será uma alegria recordar mesmo essas coisas’. Virgílio, *Eneida*, I, 203.]

<sup>2</sup> [Uma prótase é uma oração condicional e uma apódose (ver adiante) é uma consecutiva.]



objetável da prótase para exprimi-lo figurativamente; a segunda impunha à apódose uma forma capaz de representação visual — usando para esse propósito as idéias intermediárias de “pão” e de “ocupações pão com manteiga”. Vejo que, produzindo uma fantasia como essa, eu estava fornecendo satisfação aos dois desejos suprimidos — de defloramento e de conforto material. No entanto, agora que tenho uma exposição tão completa dos motivos que levaram à minha produção da fantasia dos dentes-de-leão, não posso deixar de concluir que estou lidando com alguma coisa que jamais acontecerá, mas que fora injustificavelmente contrabandeada entre minhas lembranças infantis.’

Vejo que devo tomar a defesa da autenticidade delas. O senhor está indo longe demais. Aceitou minha asserção de que toda fantasia dessa espécie suprimida tende a deslizar para uma cena infantil. Mas suponha agora que isso não pode ocorrer a não ser que haja um traço de memória cujo conteúdo oferece um ponto de contato à fantasia — como se andasse meio caminho para encontrá-la. Uma vez que se tenha achado um ponto de contato desse tipo — no presente caso foi o defloramento, o atirar fora as flores —, o resto do conteúdo da fantasia é remodelado com a ajuda de toda idéia intermediária legítima — tome o pão como exemplo —, até que se possa achar outros pontos de contato com o conteúdo da cena infantil. É muito possível que no curso desse processo a própria cena infantil sofra mudanças; considero seguramente as possibilidades de falsificação de lembranças dessa forma. No seu caso, a cena infantil parece ter tido apenas algumas de suas linhas gravadas mais profundamente: pense na superênfase do amarelo e na exagerada gostosura do pão. Mas o material bruto foi utilizável. Se não o tivesse sido, não teria sido possível para essa lembrança particular, entre todas as outras, encontrar seu caminho na direção da consciência. Nem tal cena lhe teria ocorrido como uma lembrança infantil, ou talvez alguma outra o tivesse sido — pois o senhor sabe quão facilmente nossa engenhosidade pode erigir pontes de um lugar a qualquer outro. E, afora seu sentimento subjetivo, que não pretendo subestimar, há uma outra coisa que depõe a favor da autenticidade de sua lembrança dos dentes-de-leão. Ela contém elementos que não são dissolvidos pelo que o senhor me falou: não se adequam

de fato com o sentido requerido pela fantasia. Por exemplo, seu primo ajudando-o a roubar as flores da garotinha — faz algum sentido para o senhor a idéia de ser ajudado em um defloramento? e que dizer da mulher camponesa e da ama de frente à casa?

‘Nada que eu possa ver.’

Portanto, a fantasia não coincide completamente com a cena infantil. Baseia-se nela apenas em certos pontos, e esse fato depõe a favor da autenticidade da lembrança infantil.

‘O senhor pensa que uma interpretação como essa, de uma lembrança infantil aparentemente inocente, é aplicável com freqüência?’

Muito freqüentemente, segundo minha experiência. Vamos, por diversão, verificar se os dois exemplos dados pelos Henris podem ser interpretados como lembranças encobridoras ocultando subseqüentes experiências e desejos? Refiro-me à lembrança de uma mesa posta para uma refeição com uma bacia de gelo nela, que se supõe tenha alguma conexão com a morte da avó, e à outra lembrança da criança quebrando o galho de uma árvore enquanto passeava e nisso sendo ajudada por alguém.

Ele refletiu um pouco e então respondeu: ‘Nada posso fazer quanto à primeira. Trata-se muito provavelmente de um caso de deslocamento em operação; mas os passos intermediários estão além da adivinhação. Quanto ao segundo caso, eu deveria prontificar-me a dar-lhe uma interpretação, se a pessoa envolvida não fosse um francês.’

Não posso acompanhá-lo. Que diferença isso faz?

‘Muita diferença, já que o passo intermediário entre uma lembrança encobridora e aquilo que ela esconde é provavelmente uma expressão verbal. Em alemão “arrancar” é um termo vulgar, muito comum, para a masturbação.<sup>1</sup> A cena fazia retroceder à primeira infância uma lembrança de iniciação à masturbação — já que alguém o está ajudando a fazê-lo —, o que de fato ocorreu em período posterior. Mas mesmo isso não se

---

<sup>1</sup> [Cf. *A Interpretação de Sonhos* (1900a), Edição Standard Brasileira, Vol. V, pág. 370, nota de rodapé 6, IMAGO Editora, 1972.]

ajusta, pois na cena infantil havia inúmeras outras pessoas presentes.'

Enquanto sua sedução à masturbação deve ter ocorrido em solidão e segredo. É exatamente o contraste que me inclina a aceitar sua concepção: o detalhe serve apenas para tornar a cena inocente. O senhor sabe o que significa quando em um sonho vemos 'um punhado de estranhos', como acontece tão frequentemente em sonhos de nudez, nos quais nos sentimos tão terrivelmente embaraçados? Nada mais nada menos que segredo, lá expresso novamente por seu oposto.<sup>1</sup> Entretanto, nossa interpretação continua uma brincadeira, já que não sabemos se um francês reconheceria uma alusão à masturbação nas palavras *casser une branche d'un arbre* ou em alguma expressão adequadamente retificada.

Esta análise que reproduzi tão acuradamente quanto possível terá, espero, esclarecido em alguma extensão o conceito de 'lembrança encobridora' como sendo aquela que deve seu valor enquanto lembrança não a seu próprio conteúdo, mas às relações existentes entre aquele conteúdo e algum outro, que foi suprimido. Pode-se distinguir várias classes de lembranças encobridoras, de acordo com a natureza daquela relação. Encontramos exemplos de duas dessas classes entre os fatos descritos como primeiras lembranças da infância — isto é, se incluímos sob o título de lembranças encobridoras as cenas infantis incompletas, inocentes em razão de sua incompletude. Deve-se adiantar que as lembranças encobridoras serão também formadas de resíduos de lembranças relativas à vida posterior. Alguém que tenha em mente seu caráter distintivo — a saber, que elas são extremamente bem lembradas, mas que seu conteúdo é completamente indiferente — evocará facilmente inúmeros exemplos dessa espécie de sua própria memória. Algumas dessas lembranças encobridoras, tratando de eventos posteriores na vida, devem sua importância a uma conexão com experiências na primeira juventude que permaneceram suprimidas. Tal conexão é o reverso daquela do caso que analisei, onde uma lembrança infantil era explicada por experiências posteriores.

---

<sup>1</sup> [Cf. *ibid.*, Vol IV, págs. 260-1.]

Uma lembrança encobridora pode ser descrita como 'regressiva' ou como 'progressiva' de acordo com a relação cronológica, ou outra relação, que se mantenha entre o encobrimento e a coisa encoberta.<sup>1</sup> De um outro ponto de vista, podemos distinguir as lembranças encobridoras positivas das negativas (ou lembranças refratárias), cujo conteúdo estabelece uma relação antitética com o material suprimido. Todo o assunto merece exame mais completo; devo contentar-me em indicar que processos complicados — processos que aliás são inteiramente análogos à formação dos sintomas histéricos — estão envolvidos na construção de nosso estoque de lembranças.

Nossas primeiras lembranças infantis serão sempre um assunto de especial interesse, porque o problema mencionado no início deste artigo (o fato de que as impressões que são da maior importância para todo nosso futuro geralmente não deixem quaisquer imagens mnêmicas após si) leva-nos a refletir sobre a origem das lembranças conscientes em geral. Somos inclinados, sem dúvida, a excluir as lembranças encobridoras, que são o assunto deste estudo, como elementos heterogêneos entre os resíduos das lembranças infantis. No que toca às imagens remanescentes, adotamos provavelmente o simples ponto de vista de que elas emergem simultaneamente como uma experiência, como consequência imediata da impressão que ela causa e que, daí por diante, recorrem de tempos em tempos de acordo com as leis de reprodução conhecidas. A descrição mais minuciosa revela, entretanto, certos traços que não combinam com essa concepção. Há, sobretudo, o seguinte ponto. Na maior parte das cenas infantis importantes e, em outros aspectos, incontestáveis, o sujeito vê-se na recordação como uma criança que dispõe do conhecimento de que ele próprio é uma criança; observa essa criança, portanto, como um observador externo da cena a veria. Os Henris corretamente chamam atenção para o fato de que muitos de seus informantes enfatizaram expressamente essa peculiaridade das cenas infantis. Assim, é evidente que tal quadro não pode ser uma repetição exata da impressão originalmente recebida, pois o sujeito estava, então, no meio

---

<sup>1</sup> [I.e. dependendo do deslocamento processar-se para diante ou para trás.]

da situação e não atentando para si mesmo, mas sim para o mundo externo.

Todas as vezes que em uma lembrança o sujeito aparece a si mesmo como um objeto entre outros objetos, esse contraste entre o ego que atua e o ego que recorda pode ser tomado como evidência de que a impressão original foi superelaborada. É como se um traço de memória da infância fosse trazido em uma forma plástica e visual numa época posterior — a época do despertar da lembrança. Mas nenhuma reprodução da impressão original introduz-se na consciência do sujeito.

2  
devido  
primeira

Há um outro fato que propicia evidência ainda mais convincente em favor dessa segunda posição. Em grande quantidade de lembranças infantis de experiências importantes, todas elas com a mesma nitidez e clareza, haverá algumas cenas que, quando testadas (por exemplo, pela recordação de outros adultos), revelam ter sido falsificadas. Não que sejam completas invenções; são falsas na medida em que transferem um evento para um lugar onde ele não ocorreu — é o caso de um dos exemplos citados pelos Henris — ou na medida em que fundem duas pessoas em uma, ou a substituem por outra, ou em que as cenas como um todo parecem ser combinações de duas experiências separadas. A simples imprecisão da recordação não desempenha aqui um papel considerável, em vista do alto grau de intensidade sensoria possuída pelas imagens e da eficiência da função da memória nos jovens; a investigação detalhada mostra antes que essas falsificações de lembranças são tendenciosas — isto é, que elas servem a objetivos de repressão ou de deslocamento das impressões repulsivas ou desagradáveis. Segue-se, portanto, que essas lembranças falsificadas também devem ter-se originado em um período em que se torna possível conferir um lugar na vida mental aos conflitos dessa espécie e aos impulsos em direção à repressão — muito posterior, portanto, ao período a que pertence seu conteúdo. Mas nesses casos também a lembrança falsificada é a primeira de que tomamos consciência: o material cru dos traços de memória, a partir do qual a lembrança foi forjada, permanece desconhecido para nós em sua forma original.

O reconhecimento desse fato deve diminuir a distinção que estabelecemos entre as lembranças encobridoras e outras lem-

branças derivadas de nossa infância. Pode-se, na verdade, questionar se temos mesmo alguma lembrança (da) nossa infância: lembranças (relativas) a nossa infância podem ser tudo o que possuímos. Nossas lembranças infantis mostram-nos nossos primeiros anos não como eles foram, mas como nos apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos do despertar, as lembranças infantis, como nos acostumamos a dizer, não *emergiram*; elas foram *formadas* nessa época. E inúmeros motivos, sem nenhuma referência à precisão histórica, participam de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> [O tipo de lembrança encobridora considerada aqui relaciona-se às fantasias retrospectivas freqüentemente discutidas por Freud mais tarde; por exemplo, na análise do 'Rat Man' (1909), *Standard Ed.*, 10, 206-8 n., nas Seções V e VII da análise do 'Homem dos Lobos' (1918b) e nas Conferências XXI e XXIII das *Conferências Introdutórias* (1916-17).]